

## MINHA EXPERIÊNCIA COMO TUTORA DO NAI

ANA CAROLINE VINHOLES<sup>1</sup>; ALINE NUNES DA CUNHA DE MEDEIROS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [anacaroline.vinholes@gmail.com](mailto:anacaroline.vinholes@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alinencm@gmail.com](mailto:alinencm@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho concentra-se na promoção da inclusão na educação, com foco na colaboração entre administradores, professores, funcionários e estudantes para criar um ambiente de aprendizado genuinamente inclusivo e diversificado.

A inclusão de pessoas com deficiência na educação é um tema que ganhou destaque relativamente recente na legislação brasileira. Antes da promulgação da Constituição Federal em 1988, o acesso igualitário às instituições de ensino para todos os cidadãos não era garantido. Antes desse marco histórico, a educação de estudantes com deficiência era frequentemente delegada a instituições especializadas. No entanto, com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015, houve uma importante virada na promoção da igualdade de acesso para pessoas com qualquer tipo de condição. Esta lei abrange diversos aspectos, incluindo o desenho universal de ambientes educacionais, tecnologias assistivas e outros marcos normativos.

Nesta jornada como tutora no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Universidade Federal de Pelotas começou no início deste ano, e tive o privilégio de trabalhar com um colega do curso de licenciatura em química. A adaptação foi um processo tranquilo, e nosso comprometimento em criar um ambiente de aprendizado inclusivo foi a base de nossa colaboração. Meu colega, um estudante estudioso e comunicativo, compartilhou comigo suas atividades e disciplinas que precisavam ser abordadas. Como tutora, busquei atendê-lo da melhor maneira possível, oferecendo suporte em tudo que ele solicitava.

O desafio mais significativo surgiu quando meu colega enfrentou dificuldades em uma disciplina que já havia reprovado, especialmente em um trabalho didático proposto pelo professor. Esse trabalho envolvia a criação de um jogo inclusivo para alunos na área de educação em química. Apesar de não ter disciplinas pedagógicas em minha grade curricular, decidi me empenhar ao máximo para ajudar. Pesquisei as melhores maneiras de tornar o jogo didático e lúdico, sempre incentivando meu colega a ser o protagonista de seu próprio trabalho, promovendo sua autonomia e responsabilidade nos estudos.

Nesse contexto, vale ressaltar a filosofia da inclusão, como destacado por Sanchez (2005), que defende uma educação eficaz para todos, independentemente de suas características pessoais, psicológicas ou sociais. Este princípio serve como base para a criação de escolas que atendam às necessidades de todos os alunos, contribuindo para a erradicação das desigualdades e injustiças sociais.

Como tutora do NAI, estou comprometida com a promoção de políticas e ações que efetivem a inclusão na educação. O NAI conta com uma equipe multidisciplinar, composta por professores, técnicos administrativos, educadores especiais e acadêmicos-tutores-bolsistas, trabalhando em conjunto para auxiliar alunos com necessidades educacionais especiais. Nosso objetivo é contribuir para uma verdadeira inclusão na universidade, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade.

Acredito que nossa jornada em direção a uma educação verdadeiramente inclusiva é um caminho contínuo e desafiador, mas também repleto de oportunidades para promover a igualdade de acesso e o sucesso de todos os alunos.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia empregada no desenvolvimento do jogo didático para a disciplina em que o aluno apresentava dificuldades envolveu diversas etapas estruturadas de suporte personalizado. Inicialmente, foi realizada uma análise minuciosa dos conteúdos, tarefas e requisitos da disciplina, proporcionando um entendimento detalhado das necessidades específicas do aluno.

O processo incluiu orientação e suporte individualizado, que consistiu em encontros regulares para discutir o progresso do trabalho, esclarecer dúvidas, oferecer sugestões de recursos adicionais e fornecer feedback construtivo.

A promoção da autonomia do aluno foi uma abordagem fundamental, permitindo que ele tomasse suas próprias decisões e se tornasse o protagonista de seu projeto, estimulando, assim, habilidades como pensamento crítico e resolução de problemas.

Ao longo de todo o processo, foi feito um acompanhamento constante do progresso do aluno, fornecendo feedback construtivo para destacar pontos fortes e áreas que necessitavam de aprimoramento, visando apoiar seu desenvolvimento contínuo.

O jogo didático em si consistiu em vinte perguntas abrangendo quatro áreas da química: símbolos da tabela periódica, química orgânica, química inorgânica e perguntas do cotidiano relacionadas à química. Além disso, foram incluídos recursos adicionais, como um cartão resposta para o professor, cartão de pontos para as equipes participantes, regras e materiais, com especial atenção à produção de material em braile para torná-lo inclusivo para alunos com deficiência visual.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No processo de avaliação, o jogo foi submetido ao crivo dos professores e alunos da escola, que tiveram a oportunidade de experimentá-lo em aulas práticas. Os resultados revelaram uma resposta entusiástica por parte dos alunos, que demonstraram engajamento e motivação ao participar das atividades propostas pelo jogo. Além disso, os professores destacaram a relevância das perguntas abordadas nas áreas de símbolos da tabela periódica, química orgânica, química inorgânica e questões cotidianas relacionadas à química. Essa validação prática é um indicativo sólido de que o jogo conseguiu cumprir seu propósito educacional.

Ao promover o envolvimento ativo dos alunos, o jogo não apenas facilitou a compreensão dos conceitos químicos, mas também estimulou a participação igualitária de todos os estudantes. O fato de termos confeccionado material em braile demonstra nosso compromisso com a inclusão, permitindo que alunos com deficiência visual também se beneficiassem das atividades propostas. Esse aspecto contribuiu para a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo.

É importante ressaltar que, embora os resultados iniciais sejam promissores, reconhecemos que a pesquisa pode ser aprimorada e ampliada. A coleta de feedback mais detalhado, incluindo dados quantitativos sobre o desempenho dos

alunos e a análise de seu impacto a longo prazo, seria benéfica para avaliar de forma mais abrangente a eficácia do jogo na promoção do aprendizado e na inclusão dos alunos.

Além disso, consideramos que o jogo pode ser adaptado e expandido para abranger outras áreas do currículo escolar, contribuindo assim para uma abordagem mais holística da inclusão na educação.

Em resumo, os resultados deste trabalho são promissores e apontam para o sucesso na promoção da inclusão e na melhoria da experiência educacional dos alunos. Esperamos que este trabalho inspire futuras pesquisas e iniciativas que continuem a fortalecer o compromisso com a educação inclusiva e a igualdade de oportunidades para todos os estudantes.

#### 4. CONCLUSÕES

Em conclusão, os resultados obtidos neste trabalho refletem um progresso notável na promoção da inclusão na educação, evidenciado pela criação e sucesso do jogo didático testado na escola. A resposta positiva dos alunos, juntamente com o reconhecimento dos professores quanto à relevância do jogo, é um indicativo sólido de que essa abordagem pedagógica adaptativa pode desempenhar um papel fundamental na melhoria da aprendizagem e na inclusão de estudantes, independentemente de suas capacidades individuais.

Embora os resultados iniciais sejam promissores, reconhecemos que há espaço para aprimoramento e expansão. A coleta de feedback mais detalhado e a análise aprofundada do impacto a longo prazo do jogo na educação são aspectos cruciais para avaliar a eficácia do projeto de maneira mais abrangente.

Este trabalho também destaca a importância de abordagens inclusivas na educação, com especial ênfase na criação de materiais adaptados, como o uso do braille, para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de participar ativamente do processo de aprendizagem.

À medida que avançamos, é nossa esperança que este trabalho inspire futuras pesquisas e iniciativas educacionais que continuem a fortalecer o compromisso com a educação inclusiva, promovendo a igualdade de oportunidades e o acesso a uma educação de qualidade para todos os estudantes. A inclusão é um caminho contínuo, e nosso esforço é contribuir para tornar a educação uma realidade acessível e enriquecedora para todos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMERA DOS DEPUTADOS. **Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência**. Centro de Documentação e Informação Edições Câmara, Brasília, 2015. Especiais. Acessado em 02 set. 2023. Online. Disponível em: [https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei\\_brasileira\\_inclusao\\_pessoa\\_deficiencia.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao_pessoa_deficiencia.pdf)

Inclusão Educacional - Gestão Escolar. Acessado em 02 set. 2023. Online. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/>

Organograma. Núcleo De Acessibilidade E Inclusão - NAI. Acessado em 02 set. 2023. Online. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/nai/sobreonucleo-organograma/>

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. Inclusão escolar: o que é. Por quê, v. 12, 2003.